

UMA ABORDAGEM CULTURAL DAS METÁFORAS ANIMAIS: A RELAÇÃO ENTRE TEORIA SOCIOBIOLÓGICA E O GÊNERO DA EXPRESSÃO CONVENCIONAL ‘CABRA’

*Fernanda Cavalcanti**

RESUMO

Este artigo aborda a relação entre teorias biológicas acerca da natureza humana e as metáforas animais. Para tanto, promove-se discussão acerca da expressão convencional ‘cabra’, especialmente a sua variação de gênero, tendo em vista que tal expressão é usada, sobretudo, no Nordeste do Brasil, para se referir a animal de gênero feminino e a homem. Nessa perspectiva, analisam-se, à luz dos postulados da Teoria da Metáfora Conceptual, em especial Goatly (2007), dados levantados a partir das definições dos primeiros dicionários gerais de língua portuguesa (BLUTEAU, 1712; SILVA, 1823) e contemporâneos (HOUAISS, 2008; FERREIRA, 2010), além de definições de dicionários etimológicos (MACHADO, 1952). Observa-se a forte influencia da teoria sociobiológica estruturando o conceito de tal expressão bem como a sua variação de gênero.

Palavras-chave: Variação de gênero; Cabra; Situação sociocultural; Teorias biológicas acerca da natureza humana.

ABSTRACT

The article is about the relationship between biological theories of human nature and animal metaphors. It aims to discuss the conventional expression ‘cabra’ (goat), especially its gender variation, considering that this expression is used, mainly, in the Northeast of Brazil, to refer to both female animals and men. In this perspective, it is analyzed data from the definitions of the first general dictionaries of Portuguese (BLUTEAU, 1712; SILVA, 1823) and contemporary languages (HOUAIS, 2008; FERREIRA, 2010), as well as definitions of etymological dictionaries (MACHADO, 1952), in light of the Conceptual Metaphor Theory, in particular Goatly (2007). It was found strong influence of sociobiological theory, structuring the concept of such expression as well as its gender variation.

Keywords: Gender variation; Cabra (goat); Sociocultural situatedness; Biological theories of human nature.

* Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (UERJ), Instituto de Letras; Departamento de Estudos da Linguagem; cavalcanti7fernanda@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Discute-se, neste artigo, a relação entre teorias biológicas acerca da natureza humana e a estruturação do conceito da expressão convencional 'cabra', especialmente a sua variação de gênero, tendo em vista que essa expressão é usada, sobretudo, no Nordeste do Brasil, para se referir a animal de gênero feminino e a homem. Para tanto, aborda-se o caráter metafórico da expressão em questão à luz da Teoria da Metáfora Conceptual, doravante TMC, em especial Goatly (2007).

De acordo com Lakoff e Johnson (1980), recursos cognitivos metafóricos, próprios do funcionamento de nosso sistema conceptual, são motivados por nossas interações psicomotoras com o meio físico e sociocultural e se convencionalizam, ou ainda se estabilizam em função dos usos. Têm-se, nesse sentido, a metáfora conceptual SER HUMANO É ANIMAL licenciando a metáfora verbal 'cabra' encontrada, por exemplo, na seguinte passagem constante na obra *O Auto da Compadecida*: "É Severino do Aracaju, que entrou na cidade com um 'cabra' e vem pra cá roubar a igreja". (SUASSUNA, 2005, p. 88).

Tal metáfora verbal é aqui tratada na condição de expressão convencional, tendo em vista que se adota a visão de convencionalidade preconizada por teóricos da TMC. De acordo com Kövecses (2010), por exemplo, as metáforas conceptuais podem ser classificadas em termos de grau de estabilização assim como as suas manifestações linguísticas. Ou ainda, os mapeamentos metafóricos, ao licenciarem usos frequentes de determinados significados, podem ser classificados como convencionalizados. Ao contrário de mapeamentos metafóricos novos, que não seriam considerados estáveis devido ao fato de os significados linguísticos estruturados por essas metáforas não terem sido empregados ou usados de forma ampla e profunda.

Nessa perspectiva, evoca-se Freyre (2004), para o qual a figura do 'cabra' teria relação com o nascimento do que este chama de 'civilização da cana-de-açúcar', particularmente aquela que florescera no Nordeste do Brasil. Ou seja, compreende-se que tal expressão é utilizada pelos falantes, circunscritos à região do Nordeste do Brasil, de maneira automática e sem fazer esforço.

Por outro lado, levanta-se a seguinte pergunta: Por que e de que maneira o animal cabra está sendo mapeado em termos de homem pelos falantes de português do Brasil, especialmente por aqueles que vivem na região do Nordeste?

Sabe-se que tal animal teve e tem papel socioeconômico fortíssimo nessa região, tal qual assinala Cascudo:

(...) o leite de vaca nunca foi popular no sertão. Ninguém o bebia. O leite coalhado e o queijo, sim, eram decisivos. Nunca o leite puro e sim acompanhado, como sopa, batatas, jerimum, farinha, adoçado com rapadura. O leite de cabra tinha o primeiro lugar. Era uma herança milenar, porque a cabra fora o animal leiteiro por excelência, cantado em Hesíodo, Virgílio, Teócrito, e não as vacas (CASCUDO, 2009, p.61).

Além disso, se esse animal, sobretudo o seu leite, é compreendido como importante por alimentar uma parte considerável da região nordestina é, igualmente, compreendido como

amaldiçoado. Novamente, de acordo com Cascudo (2009, p.61), “do convívio com tal animal, teriam surgido histórias segundo as quais tanto o bode quanto a cabra desapareciam por uma hora durante o dia para ir ter com ‘o coisa ruim’”. O autor avalia ainda que

Desta participação religiosa a cabra nunca se libertou. Não se aproximou de santo algum e não há lenda ou história em que figure como elemento favorável. Familiar, doméstica, da intimidade sertaneja, não inspira confiança integral ao povo. Em lenda alguma da literatura oral cristã comparece com a cabra num plano de boa educação ou afeto. Na etiologia de sua voz, uma condenação popular que tivemos de Portugal: ‘Cristo nasceu!’ – cantou o galo. ‘Onde’ – muge o boi. ‘Em Belém!’, baliu a ovelha. ‘Mentes, mentes’ – resmungou a cabra, guardando até hoje a negativa gaguejada e pagã. (CASCUDO, 2009, p. 61).

Nesse sentido, de acordo com Goatly (2007), as metáforas animais estariam fortemente motivadas por sistema de valores e ideologias constitutivos de teorias biológicas de caráter evolucionista e eugenista acerca da natureza humana. Ou seja, tais metáforas, geralmente, mapeiam características negativas dos animais - inconveniência, feiúra, orgulho, apetite descontrolado e estupidez, por exemplo. Postula-se, assim, que tais conceitos estariam sendo motivados pelas teorias biológicas em questão, de acordo com as quais: o ser humano seria um animal superior, ou um animal sofisticado se comparado aos demais animais. Ainda de acordo com essas teorias, existiriam raças ou etnias mais bem adaptadas e, portanto, mais fortes e superiores às demais raças e etnias.

Nesses termos, Goatly apresenta como exemplo, a metáfora animal ‘dumb coyote’ – coioote mudo – que é usada para se referir a índio ou a mestiço, além de mencionar que Ekman (2000) verificou tendência generalizada nas diversas línguas em separar determinados grupos raciais ou étnicos ao nomeá-los como animais. O autor ainda destaca que boa parte das metáforas animais que analisou, no banco de dados Metalude, conceptualizam mulher. Tal evidência o faz afirmar que assim como determinadas raças ou etnias são compreendidas como animais, determinados gêneros, como o feminino, o são igualmente.

Com efeito, Goatly (2007) avalia que discussões acerca das metáforas SER HUMANO É ANIMAL não são apenas relevantes para se abordar de forma consistente os postulados da TMC. São importantes igualmente porque tais metáforas apontam para questões ideológicas que prometem ser uma das mais importantes no século 21. Isso porque, para o autor, essas problemáticas metáforas apontam para o fato de que se sabe menos acerca da natureza dos animais do que da natureza humana. Dessa forma, metáforas como SER HUMANO É ANIMAL compara dois fenômenos a respeito dos quais não se tem conhecimento pleno. Ou seja, se abririam, assim, caminhos para conflitos ideológicos acerca da natureza do ser humano e do animal, cujas repercussões se dariam, sobretudo, no âmbito das metáforas que sustentam teorias científicas a exemplo das teorias biológicas acerca da natureza humana, como a teoria sociobiológica, de caráter evolucionista e eugenista. (GOATLY, 2007, p.126)

Assim sendo, para discutir o porquê e de que maneira homem é compreendido em termos de ‘cabra’ por falantes da região do Nordeste do Brasil, decidiu-se investigar o caráter histórico dos significados dessa expressão, tendo como base definições¹ constantes: nos primeiros dicionários

¹ A pesquisa nos dicionários gerais e etimológicos foi realizada no acervo de obras gerais da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

gerais da língua portuguesa, a exemplo do *Vocabulário portuguez e latino*, de Rafael Bluteau (1712), do *Diccionario da língua portugueza*, de Antônio Moraes Silva (1823), em que ele revisa Bluteau (1712), e de suas edições mais recentes, Silva (1877; 1949); e nos dicionários gerais mais contemporâneos, a exemplo de Antônio Houaiss et al. (2008), e de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2009; 2010), além do dicionário etimológico de José Pedro Machado (1952).

Organiza-se, para tanto, este artigo em três seções, além desta introdução, nas quais: apresentam-se os dados levantados com base nas definições pesquisadas; sugerem-se algumas análises e conclusão à luz dos postulados da TMC, especialmente em Goatly (2007); e são feitas as considerações finais a partir da síntese dos argumentos arrolados ao longo este artigo.

1 DADOS

De acordo com as acepções abaixo listadas, observa-se que, além daquela relativa ao animal de gênero feminino (vide Quadro 1), 'cabra' é definida (vide Quadro 2): em termos de homem por Bluteau (1712) e por Machado (1952); em termos de homem e de mulher por Silva (1823; 1877; 1949), por Houaiss et al. (2008), e por Ferreira (2010). Interessante atentar, nesse sentido, para o fato de que, ao revisar Bluteau (1712), Silva (1823) não reproduz a sua acepção de 'cabra' como índio, além de acrescentar a tal acepção, o significado de 'cabra' na condição de "filho ou de filha de pai mulato e de mãe preta ou às avessas". Parece ser esse, então, o primeiro registro de 'cabra' definida como mulher e mestiço.

Quadro 1 - Definição do animal

| Bluteau (1712) | Silva (1823) | Silva (1877) | Silva (1949) | Machado (1952) | Houaiss (2008) | Ferreira (2010) |
|--|--|--|---|--|---|---|
| Cabra: (1ª entrada) 1. Animal doméstico quadrúpede, cornífero, fêmea do cabrão, de focinho chato e rabo curto. | Cabra: <i>I.f.f.</i> Animal quadrúpede dos menores, cornífero, fêmea do bode ou cabrão (...); | Cabra: <i>1.s.f.</i> (do lat. <i>capra</i>) Animal quadrúpede dos menores, cornífero; fêmea de bode ou cabrão; | Cabra: (1ª entrada) <i>s.f.</i> [do lat. <i>capra</i>] <i>zool</i> Gênero de mamíferos ruminantes, corníferos e, geralmente, de pêlos compridos; | Cabra: <i>1. s.</i> do lat. <i>capra</i> ; cabra; | Cabra: <i>1.s.f.</i> (1278cf.IVPM) desig.comum aos mamíferos ruminantes do gen. <i>Capra</i> , da fam. dos bovídeos, com sete <i>spp.</i> selvagens que ocorrem em áreas montanhosas da Ásia, África e Europa, e uma <i>sp.</i> domesticada encontrada no mundo inteiro (<i>Capra hircus</i>); | Cabra: <i>1. s.f.</i> [do lat. <i>capra</i>]. <i>sf.1.</i> Mamífero ruminante, a fêmea do bode; |

2. A fêmea da *sp* domesticada (*Capra hircus*);

Quadro 2 - Definição de cabra em termos de ser humano

| Bluteau (1712) | Silva (1823) | Silva (1877) | Silva (1949) | Machado (1952) | Houaiss (2008) | Ferreira (2010) |
|---|---|--|--|---|--|--|
| (7ª. entrada) Darão os portugueses esse nome a alguns índios, porque os acharam ruminando, como cabra, a erva Betel que quase sempre trazem na boca. | 3. Filho ou filha de pai mulato, e mãe mãe preta ou às avessas; | 5. O filho ou filha de pai mulato e mãe preta ou às avessas; | 8. Ser cabra, ser mau companheiro; | 3. Sobre o uso de cabra como dignidade de índios brasileiros, de ascendência nobre e bravura natural; | 12. Mestiço indefinido, de negro, índio ou branco, de pele morena clara | 6. <i>bras.</i> Mestiço de mulato e negro; |
| | | | (2ª. entrada): adj. Ruim, esperto, Sabido; | | 13. Indivíduo determinado; sujeito, cara | 7. v. Capanga; |
| | | | (3ª. entrada) l.s.m. Bras. Mestiço, filho de negro ou mulato ou vice-versa; | | 14. Indivíduo forte valente, petulante; brigão. 14.1 (...) capanga; criminoso; pistoleiro | 8. v. Cangaceiro |
| | | | 2. <i>por ext.</i> Indivíduo petulante, valentão, provocador; | | 15. Trabalhador braçal agrícola, rural. | 9. Morador de de propriedade rural |
| | | | 3. Denunciante, espião, testemunha comprometedora; 4. Cangaceiro | | 16. P. Espião de polícia; alcaguete; denunciante | 10. Indivíduo; sujeito |

Tal acepção será reproduzida por todos os dicionários a ele subsequentes aqui elencados. Encontram-se, contudo, algumas variações nessa reprodução, a exemplo de Silva (1949). Para os seus lexicógrafos, tal acepção seria um brasileirismo e significaria apenas filho nascido de pai mulato e mãe preta. Muito embora tenham retomado a acepção proposta por Silva (1949), Houaiss e al. (2008) incluem uma nova etnia, a branca. Tal fato nos leva a inferir que o uso da expressão ‘cabra’ relativo a índio encontra-se apenas no português europeu (PE); e que o uso como mestiço ou mestiça encontra-se apenas no português do Brasil (PB), como afirmado pelos lexicógrafos de Silva (1949).

Vale salientar ainda o registro feito por Silva (1949), de acepções de ‘cabra’ na condição de adjetivo e como homem violento e bandido. Essas últimas acepções foram reproduzidas por Houaiss et al. (2008) e por Ferreira (2010), além daquelas de ‘cabra’ como mulher. Considerando

que esses autores não datam o aparecimento de tais usos, é plausível supor que as primeiras acepções atribuídas a 'cabra' como homem ganharam mais extensões no período entre a primeira e a edição mais recente de Silva (1823; 1949).

Além disso, com a exceção de Machado (1952) e das acepções 13 e 10 constantes em Houaiss et al. (2008) e em Ferreira (2010) respectivamente, é preciso ressaltar que boa parte das acepções de 'cabra' na condição de homem possui caráter depreciativo e pejorativo. É sabido que a condição de mestiço sempre foi avaliada como inferior pelos valores hegemônicos e eurocêntricos de nossa sociedade.

Nessa perspectiva, para autores como Cascudo (2009), por exemplo, a expressão 'cabra' como filho de mulato e negra não goza de simpatia no folclore sertanejo. Por isso, "o tratamento de 'cabra' é insultuoso. Ninguém gosta de ouvir o nome. [...]. Todas as estórias referentes aos 'cabras' são pejorativas e são eles entes malfazejos, ingratos, traiçoeiros". (CASCUDO, 2009, p. 60). Ainda a esse respeito, parece não ser trivial que a primeira acepção de 'cabra' em termos de ser humano, à qual se teve acesso, se refira a índio. Vale destacar que tal acepção teria sido criada, segundo Bluteau (1712), a partir da comparação que os portugueses fizeram entre o hábito que determinado grupo de índios tinha em mascar erva e o ruminar das cabras. Por essas épocas, há cerca de um século e meio, a Igreja Católica discutia se os índios teriam alma ou se seriam animais, tal qual foram por ela considerados os negros. Tratou-se do célebre, lamentável e público debate sobre o estatuto humano ou não humano dos índios, realizado pela Igreja Católica, na cidade Valladolid, na Espanha, em 1550.

Outro aspecto que merece destaque é quanto ao fato de apenas Machado (1952) não informar sobre o gênero da entrada 'cabra' (vide Quadro 1). Tal informação se encontra indicada pelos demais autores, seja ela de natureza gramatical, seja ela na condição de definição de cabra como a fêmea do cabrão ou do bode. Salienta-se que as informações etimológicas acerca da expressão convencional 'cabra', fornecidas por quase todos os dicionários investigados - com a exceção de Bluteau (1712) e de Silva (1823) - convergem no sentido de sua origem ser a forma latina *capra*. Houaiss et al. (2008), por exemplo, indicam que tal forma pode, igualmente, se remeter ao gênero de espécies selvagens e domésticas, no caso de *capra hircus*.

Os demais autores - Bluteau (1712), Machado (1952), Silva (1949) e Ferreira (2009) - informam, no entanto, que a origem latina das formas que nomearam o macho da cabra em português - 'cabrão' e 'cabro' - é outra diferentemente de *capra* (vide quadro abaixo). Bluteau (1712), Silva (1823), Silva (1949), Machado (1952) e Ferreira (2009) informam ainda que as formas 'cabrão' e 'cabro' teriam caído em desuso por terem sido substituídas pela forma 'bode'.

Quadro 3 - Origem e definição do macho da cabra

| Bluteau (1712) | Silva (1823) | Silva (1949) | Machado (1952) | Ferreira (2009) |
|------------------------------|---|---|---|--|
| Cabram, cabrão. Vide bode | Cabrão, <i>s.m.</i> bode, macho da espécie cabrum// <i>t.v.</i> O que consente que sua mulher adultere | Cabrão, <i>s.m.</i> (do lat. <i>caprone</i>), <i>zool.</i> macho da cabra; bode// marido cornudo | Cabro, forma hoje desusada por bode; do lat. <i>capru</i> – bode; odor forte das axilas | Cabro [do lat. <i>capru</i>]. <i>s.m.</i> bode cabrum [do lat. <i>tar. caprunu</i>]. <i>adj.</i> 2. <i>bras.</i> v. corno (9) |

Cabrão capado.
câper; pri.
Maje. Virg.

Cabrão cornudo,
consentido. *vul.*
Cornudo

Bode – O macho da cabra.
Bode capado. *câper; pri*

Em suma, embora se observe que há divergência quanto à forma original latina da qual teria derivado ‘cabrão’ e ‘cabro’, os dicionários acima elencados atribuem, com exceção de Silva (1823), a essas formas anacrônicas, origem latina diferente daquela da qual se derivou ‘cabra’. Vale destacar que, assim como Bluteau (1712), Freund (1866), em seu *Gran Dictionnaire de La Langue Latine*, define as formas ‘*câper; pri*’ como aquelas que se referiam ao macho da cabra. Ainda, segundo esse dicionário, diferentemente de Machado (1952), essas mesmas formas teriam aparecido em textos de autores latinos, se referindo, igualmente, ao forte cheiro exalado pelas axilas. Ao que parece, a forma latina relativa ao macho da cabra, além de se distinguir daquela atribuída à cabra, entrou na língua portuguesa se reportando tanto ao forte cheiro exalado das axilas como a marido que consente ser traído, o vulgo ‘corno’. Supõe-se que a acepção de corno atribuída a ‘cabrão’ se deva ao fato de ele ser capado, assim como afirmam Bluteau (1712), Silva (1823; 1949) e Ferreira (2009).

À guisa de conclusão desta seção, verifica-se que, para a maior parte dos dicionários pesquisados, a origem latina relativa às formas masculina e feminina do animal em questão não é a mesma, ainda que os autores desses dicionários divirjam acerca de qual forma latina teria derivado ‘cabrão’ e ‘cabro’. Além disso, a despeito da divergência quanto ao significado prototípico de tal expressão, ela vem sendo usada, igual e efetivamente, para se referir a ser humano, ao seu comportamento ou à parte de seu corpo,

Em outras palavras, percebe-se, de acordo com os dados, que embora os significados contemplados por tal expressão na condição de ser humano mudem quantitativamente ao longo de sua história, eles mantiveram e mantêm sempre a sua referência a ser humano, especialmente a ser humano de determinada etnia. Dessa forma, critérios etimológicos ou mesmo históricos não dão conta de explicar tal padrão. Tampouco, teorias semânticas de caráter formalista e/ou estruturalista dão conta de explicá-lo, tendo em vista que essas teorias se atêm, normalmente, a critérios formais, independente das características próprias ao funcionamento cognitivo humano.

2 ALGUMAS ANÁLISES E RESULTADOS

Em consonância com os dados levantados, nossa análise parte, de início, da hipótese de que a variação de gênero contemplada pela expressão convencional 'cabra' na condição de homem não poderia ter base etimológica. Ou seja, em conformidade com as informações fornecidas pelos dicionários investigados, foram formas latinas distintas que originaram as formas em português correspondentes à 'cabra', a 'cabrão' e a 'cabro'. Assim sendo, levanta-se a hipótese de que tal variação se deu em função dos situamentos socioculturais dos falantes residentes, sobretudo, no Nordeste do Brasil.

Nesse sentido e de acordo com todos os dicionários investigados, inclusive o dicionário *Gran Dictionnaire de La Langue Latine*, é evidentemente sistemática a relação motivada por extensão metafórica entre os conceitos do animal cabra (e/ou 'cabrão' ou 'cabro') e de ser humano. De acordo com os postulados da TMC, para que se possa estruturar o conceito de 'cabra', por exemplo, teria que ter havido interação motora humana com o animal cabra, em termos de tato e de cheiro, por exemplo, além de interação perceptual, relativa à percepção das formas desse animal em consonância com a funcionalidade de suas partes, a exemplo do leite que produz, e de compreensão de seu papel sociocultural na comunidade em que vive.

Conforme assinalado por Cascudo (2009), verifica-se, nessa perspectiva, que são atribuídas características comportamentais pouco elogiosas à cabra, tais como o de ser misteriosa, pouco cristã, nada confiável, com poderes obscuros, inquieta, arrebatada, além de características físicas pouco interessantes, como a de emitir sons nada harmoniosos e exalar cheiro desagradável, muito embora se atribua a ela grande potencial sexual.

Percebe-se, dessa forma, que falantes, sobretudo, da região do Nordeste do Brasil, estruturam o conceito 'cabra' com extensões metafóricas relativas a ser humano, mapeando as mencionadas e seguintes características: amaldiçoada, pouco confiável e arrebatada atribuídas ao animal, de um lado; e, mestiço, traiçoeiro, violento ou valente ou brigão e petulante, atribuídas a homem, de outro lado.

Em suma, os falantes residentes da região do Nordeste do Brasil não compreendem 'cabra' apenas em termos de animal *per se*, tal se postula no âmbito da TMC. Ainda consoante os postulados da TMC, com base em processos metafóricos situados tanto corpóreos como socioculturais, esses falantes a compreendem também em termos de determinado tipo de homem, isto é "filho de pai mulato e de mãe preta ou às avessas". Percebe-se, assim, pendor pejorativo e depreciativo nessa metáfora.

Conforme já mencionado anteriormente, sabe-se que, devido às visões difundidas por teorias biológicas de caráter eugenista, pesam enormes preconceitos sobre a condição de pessoas mestiças, sobretudo de pessoas mestiças oriundas da relação entre as etnias índios e negros, consideradas por muito tempo como representativas de seres não humanos, isto é, de seres animais.

Corroborar-se, assim, a abordagem feita por Goatly (2007) de que as metáforas animais apresentam caráter ideológico fortemente influenciado ou motivado por teorias biológicas acerca da natureza humana, de teor eugenista e evolucionista. Diante de tais evidências, trabalha-se aqui

com a hipótese de que a mudança do gênero contemplada pela expressão convencional ‘cabra’, isto é, o fato de homem não ser conceptualizado como bode e sim como ‘cabra’, estaria, efetivamente, relacionada com motivações oriundas dos situamentos corpóreos e socioculturais dos falantes residentes na região do Nordeste do Brasil, fortemente influenciadas por teorias biológicas de caráter evolucionista e eugenista. Ou seja, a variação de gênero dessa expressão estaria, especialmente, relacionada com o fato de esse homem ser filho de mulato e negra, isto é, um híbrido de etnias sobre as quais pesaram e pesam ainda enormes preconceitos.

Como afirmado mais acima, Goatly (2007), ao mencionar o trabalho de Ekman (2000), repercute suas observações relativas à tendência generalizada, encontrada nas diversas línguas, em nomear determinados grupos étnicos - os mulçumanos bósnios, os ameríndios, os escravos africanos e os ciganos - como animais, com o intuito de separá-los da sociedade. Dessa forma, avalia-se que a expressão convencional ‘cabra’, além de se encontrar estruturada por mapeamentos metafóricos depreciativos de homem em termos de cabra, conforme acima discutido, varia seu gênero igualmente motivado por visões evolucionistas e eugenistas defendidas pelas teorias biológicas acerca da natureza humana, que estruturam de modo geral as metáforas animais, qual seja: SER HUMANO É UM TIPO SUPERIOR DE ANIMAL.

Dito de outra forma, com base nas definições dos dicionários aqui discutidos, a mudança de gênero da expressão convencional ‘cabra’ não teria caráter etimológico. Tal conclusão permite, de forma bastante plausível, que se defenda a hipótese de que a variação de gênero da expressão em questão é mais um efeito da influência de teorias biológicas de teor evolucionista e eugenista sobre a estruturação do processo de conceptualização de homem em termos de cabra. Ou seja, o ‘cabra’, por ser mestiço, é conceptualizado e compreendido como um tipo invertido de animal, um animal híbrido que não se coaduna com a visão clássica da divisão de gêneros encontrada no reino animal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em consonância com os resultados obtidos com esta pesquisa, acredita-se que há evidências no sentido de que, para que se possa compreender o porquê e como ‘cabra’ é conceptualizado em termos de homem, especialmente a sua variação de gênero, é necessário que se examinem as correspondências entre pensamento, linguagem e cultura. Ou seja, a nosso ver, são consistentes os processos de natureza corpórea e socioculturalmente situados que motivam a conceptualização de homem em termos da expressão convencional ‘cabra’ bem como a sua variação de gênero.

Nesse sentido, reafirma-se, com esse estudo, o caráter desafiador das metáforas animais levantado por Goatly (2007). Ou seja, ao se abordarem metáforas animais como as que estruturam o conceito licenciado pela expressão convencional ‘cabra’, se estará sempre diante de embates relativos a processos metafóricos ideologizados, tendo em vista que a categorização de animal vai além da percepção e interação com algum tipo de ser vivo não humano. Será sempre o lugar por excelência da discussão de uma cognição corpórea e socioculturalmente situada, isto é, uma cognição atravessada por metáforas forjadas por processos de categorização de nível médio e por metáforas forjadas por teorias científicas, a exemplo das teorias biológicas evolucionistas e eugenistas que hoje cedem espaço para teorias biológicas norteadas por programas genéticos como o Genoma.

REFERÊNCIAS

- BLUTEAU, R. **Vocabulário português e latino**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712.
- CASCUDO, L. **Coisas que o povo diz**. 2.ed. São Paulo: Globo Editora, 2009. 1.ed., 1968.
- EKMAN, P. **Emotions Revealed**. London: Weidenfeld and Nicholson, 2000.
- FERREIRA, A. B. H (de). **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- _____. A. B. H (de). **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.
- FREUND, G. **Grand dictionnaire de la langue latine**. Paris: Librairie de Firmin Didot Frères, Fils et Cie. 1866.
- FREYRE, G. **Nordeste**. 7. ed. São Paulo: Global Editora, 2004. 1. ed., 1937.
- KÖVECSES, Z. **Metaphor: a practical introduction**. 2.ed. Oxford University Press, 2010.
- GOATLY, A. **Washing the brain, metaphor and hidden ideology**. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2007.
- HOUAISS, A et al. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- MACHADO, J. P. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Editorial Confluência. 1952.
- SILVA, A. M. **Diccionario da língua portugueza**. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1823.
- _____. M. **Diccionario da língua portugueza**. 7.ed. Lisboa: Typografia de Joaquim Germano de Souza Neves Editor, 1877.
- _____. **Grande Dicionário da língua portuguesa**. 10 ed. Lisboa: Editoria Confluência, 1949.
- SUASSUNA, Ariano. **Auto da compadecida**. 35. ed. Rio de Janeiro: Editora Agir. 2005. 1. ed, 1927.